



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA ESPANHOLA

EMMANUEL LÁZARO DO NASCIMENTO DINIZ

LÁZARILHO DE TORMES: UM DIÁLOGO ENTRE O PASSADO E PRESENTE

JOÃO PESSOA

2017

EMMANUEL LÁZARO DO NASCIMENTO DINIZ

LÁZARILHO DE TORMES: UM DIÁLOGO ENTRE O PASSADO E PRESENTE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.^a M.^a Christiane Maria de Sena Diniz.

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Diniz, Emmanuel Lázaro do Nascimento .

Lazarillo de Tormes: um diálogo entre o passado e o presente
/ Emmanuel Lázaro do Nascimento Diniz. - João Pessoa, 2017.

35 f.

Monografia (Graduação em Letras, língua espanhola) –
Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes.

Orientadora: Profª. Me. Christiane Maria de Sena Diniz.

Romance. 2. Literatura e sociedade. 3. Personagem .4.
Lazarillo. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82-31

Romance. 2. Literatura e sociedade. 3. Personagem .4. Lazarillo. I.
Título.

BSE-CCHLA

CDU 82-31

EMMANUEL LÁZARO DO NASCIMENTO DINIZ

LÁZARILHO DE TORMES: UM DIÁLOGO ENTRE O PASSADO E PRESENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Graduado em
Licenciatura Plena em Letras, habilitação
em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.^a M.^a Christiane Maria
de Sena Diniz.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.^a Christiane Maria de Sena Diniz (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr.^a Ana Berenice Perez Martorelli
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr.^a Maria Mercedes Ribeiro Pessoa Cavalcanti
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr.^a Maria Luiza Teixeira Batista
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Posso escrever os versos mais[felizes- termo acrescentado por mim] esta noite. As palavras do poeta chileno, Pablo Neruda, expressam a alegria que sinto ao concluir este Curso que é parte inicial de um sonho maior.

A palavra agradecimento carrega no seu sentido amplo, a demonstração ou gratidão por algo, um reconhecimento de um favor. No entanto, mensurar as pessoas que contribuíram para eu chegar onde cheguei, seria quase impossível ou injusto da minha parte, isso porque ao longo de sete anos conheci muita gente, tais como: motoristas de ônibus, amigos de turma e trabalho, professores e alunos. Contudo, há pessoas que marcaram profundamente esta caminhada. Sendo assim, agradeço primeiramente a Deus por ter me dado ânimo e sabedoria nos momentos que eu pensava em desistir, o qual agiu sempre como um guia no oceano da vida.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe, a quem devo minha vida pela dedicação, mansidão e empenho para comigo, a qual agiu como uma fonte de inspiração para eu chegar onde cheguei.

A professora Neves que ao longo deste curso se revelou como uma "segunda mãe", amiga, psicóloga e por ter me acompanhado no momento mais obscuro de minha vida. A Crisinha, minha coordenadora, pelos momento de conversa, incentivo e flexibilidade para comigo, meu muito obrigado!

Aos meus pastores, Bruno Pontes e Vallone Cavalcanti, os quais estenderam suas mãos para mim, estando permanentemente ao meu lado e com os quais pude compartilhar minhas angústias, solidão e frustrações.

Aos professores, Maria Hortênsia, Juan Ignacio, Maria Luiza, Ana Berenice, Alberto(UFPE), Andréa Ponte e Maria Mercedes, que foram meus "amos", os quais são dignos de todo meu respeito e consideração. Pois usando as palavras do jovem *Lazarillo*, digo: *"Y fue así, que, después de Dios, ést[os] me dieron la vida, [...]me [alumbraron] y [adestraron] en la carrera de vivir."*

A minha orientadora Christiane Diniz, que me acolheu e me apoiou neste projeto de Conclusão de Curso, sem a qual seria impossível concluí-lo. Chris, como assim a chamo, meu muito obrigado pela compreensão e tamanha sensibilidade que demonstrou ao longo das nossas conversas. Gratidão resume o que sinto por você!

À banca, composta por Mercedes Cavalcanti, Ana Berenice, e Maria Luíza por aceitarem, de pronto, o nosso convite e por contribuírem de maneira significativa para que eu chegasse a este momento tão importante da minha vida.

Para finalizar, não poderia deixar de elencar a esta lista, Gilbéria, minha noiva, com quem tive o privilégio de conhecê-la durante o curso e iniciar um relacionamento. Ademais, destaco a sua forma amorosa ao me acolher, escutar, chorar, rir e estudar durante alguns períodos juntos.

A minha sogra, mulher sábia e resiliente, com a qual aprendi com a sua história de vida que "a cana é doce, mas é dura", e para tal, é preciso coragem e ousadia para tirar da fraqueza força para seguir em frente.

“[...]a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”

(Antônio Cândido)

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar o personagem *Lazarillo de Tormes*, cujo título da obra carrega o seu nome, e de autoria desconhecida. O livro tormesino, que é de caráter autobiográfico, retrata as aventuras e adversidades do protagonista Lázaro diante dos seus amos. Publicada no século XVI, mas de uma importância atemporal, sua relevância se dá pelo fato de tratar de temas diversos da sociedade, no entanto, destacaremos os valores morais e religiosos de sua época, os quais perduram atualmente. É neste cenário que eclode o movimento *a posteriori* chamado Renascimento, o qual visa preparar o homem para o mundo moderno, rompendo com os ideais medievais. Neste sentido, faremos um breve apanhado sobre de que maneira a Literatura e a Sociedade se confluem dentro de uma perspectiva prática, ou seja, até que ponto ambas se relacionam no papel transformador do indivíduo. Para tanto, traremos à discussão Cândido (1995) que tratará do valor humanizador que a Literatura exerce sobre os indivíduos. Abordaremos o contexto histórico da obra, à luz dos registros de críticos, como: Rico (1980) e Caballero (2000). E por fim, encerraremos com a análise da novela tormesina, fazendo alusão aos valores acima mencionados.

Palavras-chave: Romance. Literatura e Sociedade. Personagem. *Lazarillo*.

RESUMEN

La propuesta de este trabajo es analizar el personaje Lazarillo de Tormes, cuyo título de la obra lleva su nombre, y de autoría desconocida. El libro tormesino, que es de carácter autobiográfico, retrata las aventuras y adversidades del protagonista Lázaro ante sus amos. Publicada en el siglo XVI, pero de una importancia atemporal, su relevancia se da por el hecho de tratar temas diversos de la sociedad, sin embargo, destacaremos los valores morales y religiosos de su época, los cuales perduran actualmente. Es en este escenario que eclode el movimiento *a posteriori* llamado Renacimiento, el cual pretende preparar al hombre hacia el mundo moderno, rompiendo con los ideales medievales. En este sentido, haremos un breve recuento sobre de qué manera la Literatura y la Sociedad se confluyen dentro de una. Perspectiva práctica, es decir, hasta qué punto ambas se relacionan en el papel transformador del individuo. Para ello, traemos a la discusión Cándido (1995) que tratará del valor humanizador que la Literatura ejerce sobre los individuos. En el marco de los registros de críticos, como por ejemplo: Rico (1980) y Caballero (2000). Finalmente terminamos con el análisis de la novela tormesina, haciendo alusión a los valores arriba mencionados.

Palabras clave: Romance.Literatura y Sociedad. Personaje. Lazarillo.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2. A LITERATURA E A SOCIEDADE	11
2.1 A relação entre a Literatura e a Sociedade na construção artística.....	13
3.CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA <i>LAZARILLO DE TORMES</i>.....	17
3.1 Uma nova novela, um novo gênero.....	23
4. APRESENTAÇÃO DA OBRA.....	26
4.1 Análise da obra: valores sociais (religiosos e morais) retratados.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo realizar uma breve discussão sobre que o é a Literatura, seu engajamento no aspecto social e, também, sua importância para a educação de seus leitores, podendo proporcionar aos indivíduos a capacidade de se transformar, através dos valores que são retratados em uma obra literária. Para isso, utilizamos como objeto de estudo a obra da literatura espanhola intitulada “Lazarillo de Tormes”, sendo assim, abordaremos a produção literária não como um fim em si mesma, mas como produto libertador para a sociedade, uma vez que ela é fruto do coletivo, ou seja, os artistas compõem suas obras artísticas a partir de seus contatos com o mundo que os rodeia.

Assim, apresentamos este trabalho em três capítulos, a saber: realizar uma discussão sobre a influência da Literatura na Sociedade e vice-versa (Capítulo 1), para tanto, apresentamos o conceito de Literatura a partir de alguns estudiosos ao longo da história, tomando como referência o teórico e crítico literário Antonio Candido (1995; 2011); depois, buscamos a trazer discussão sobre o papel da Literatura e do texto literário. No Capítulo 2, apresentamos a obra “Lazarillo de Tormes”, com o intuito de contextualizá-la e apresentar os elementos de sua narrativa; e, por último, no Capítulo 3, apresentamos os valores sociais retratados na referida obra para, assim, destacarmos a influência do contexto sócio-histórico na construção do texto literário tomado como base para a pesquisa aqui proposta.

1. A LITERATURA E A SOCIEDADE

Nas palavras do historiador e pesquisador GINZBURG (1989, p.171), "cada sociedade observa a necessidade de distinguir os seus componentes; mas os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e lugares". Com base nesta proposição, consideramos que a Literatura, sendo "a arte da palavra", exerce várias funções dentro de uma dada sociedade. Dentre as várias funções que esta arte exerce, podemos destacar a possibilidade de trazer à reflexão humana determinados aspectos que a(s) sociedade(s) vivencia(m), de modo que o artista utiliza-se destes aspectos para compor a sua produção artística. Com isso, entendemos que a Literatura, sendo nos dizeres de Antonio Candido (2011), "vida fictícia", exerce influência na "vida real" ou vice-versa.

Neste caso, se todos somos "personagens", ou seja, pessoas pertencentes a uma dada sociedade desse "enredo", aqui uma metáfora para referirmos à vida e aos aspectos de que o artista se utiliza para criar a sua arte, nada mais plausível que pensar num âmbito macro, o social, de modo que a Literatura pode ser observada à luz dos fatos que circundam a sociedade que ela retrata. Como afirma o escritor peruano Vargas Llosa (2007), na Revista Europa Press, a Literatura tem como função primogênita "enriquecer a vida das pessoas, fazê-las mais inquietas e livres." (Tradução nossa)¹

Tratando-se de uma breve explanação acerca da história da Literatura, o estudioso (SILVA, 2007, p.13) a define da seguinte maneira:

O lexema literatura deriva historicamente, por via erudita, do lexema latino *litteratura*, (...) decalcado sobre o substantivo grego *γραμματική*. Nas principais línguas europeias, os lexemas derivados, por via erudita, de *litteratura* entraram, sob formas muito semelhantes cf. castelhano: *literatura*; francês: *littérature*; italiano: *letteratura*; inglês: *literature* na segunda metade do século XV, sendo um pouco mais tardio o seu aparecimento na língua alemã (século XVI) e na língua russa (século XVII). Na língua portuguesa, encontramos documentado o lexema literatura num texto datado de 21 de Março de 1510.

Insinuar uma linha no que tange à definição de Literatura pode ser muito audacioso, visto que há uma gama de conceitos que a circundam. No entanto, o

¹LLOSA, Mario Vargas. Revista Europa Press. Disponível em: <http://www.europapress.es/cultura/libros-00132/noticia-vargas-llosa-dice-literatura-tiene-funcion-enriquecer-vida-personas-20070425000210.html> Acessado em 10/04/2017

dicionário *Houaiss* a elucida como o "uso estético da linguagem escrita".(SILVA, 2009). Nesse mesmo sentido, o crítico literário Moisés (2007) nos apresenta também uma definição de Literatura que se relaciona à linguagem plurissignificativa, afirmando que "a literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação". (MOISÉS, 2007,p.10). Assim sendo, consideramos que a palavra, numa obra literária, apresenta o seu valor polissêmico, tem uma peculiaridade: o "estético", "ficcional" e "imaginário". Estético, porque o artista tem uma preocupação em provocar no leitor o "belo", ou seja, uma obra "bem construída" (Candido, 1995). Ficcional e Imaginário, porque o artista embora se utilize de elementos da "vida real" para compor sua obra, o elemento da criatividade torna-se o mais relevante no processo artístico. Por outro lado, o teórico e crítico, Candido (1995) tratando desta temática no seu texto, o *Direito à literatura*, apresenta a seguinte definição para Literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1995, p.176)

Nesse horizonte, evidenciamos, até aqui, uma consonância entre os conceitos do que é a Literatura, embora Candido chegue a expandir tal definição, uma vez que, para ele, a *litteratura* passa a ter uma conotação universal e atemporal, ao que o autor supracitado ressalta que ela "aparece claramente como manifestação de todos os homens em todos os tempos". (CANDIDO, 1995, p.176). Sendo assim, é possível considerar que, ao longo da história, a humanidade sempre teve contato com algum tipo de produção literária.

Reiterando esta ideia, no livro intitulado *A Literatura em Perigo*, do escritor russo Todorov, o seu pensamento nos parece concordar com a ideia de Candido, posto que ele afirma que "a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes". (TODOROV, 2009, p.23). Partindo desta premissa, percebemos que o texto literário pode ser caracterizado por atravessar os regimes fronteiriços que tentam limitar o seu significado, o que difere das concepções mais estruturalista sem que, por exemplo, para analisar uma obra não é prioridade buscar entender o contexto no

qual ela se insere, ela foi produzida e publicada, pelo contrário, estes aspectos são de extrema importância na concepção de Candido para a análise do texto literário, pois a Literatura exerce uma função social.

Nesta direção, Silva faz uma ressalva a respeito da ideia estruturalista, com base na concepção de Tzvetan Todorov, a qual (Todorov *apud* Silva, 2007, p. 17):

entende que não é legítima uma noção "estrutural" de literatura e contesta a existência de um "discurso literário" homogêneo, visto que ocorrem características "literárias" fora da leitura e visto que "se tornou igualmente óbvio que não existe nenhum dominador comum para todas as produções "literárias", a não ser o uso da linguagem.

A partir dessa visão do autor, se trouxermos para o seio da literatura, podemos compreender que o texto literário não pode se prender a ele mesmo, pois existe algo, tão importante quanto, a ser levado em consideração na obra, que é a sociologia, história, psicologia, os quais são elementos que transcendem o escopo textual.

Para tanto, nas linhas seguintes iniciaremos tratando da arte literária na perspectiva grega evidenciando o seu conceito na época e, em seguida, lançaremos algumas ideias acerca da influência da literatura na vida dos indivíduos no mundo contemporâneo e como ela pode contribuir não só na nossa formação acadêmica, mas acima de tudo na nossa formação enquanto cidadãos, expressando o espírito do que é "Ser Humano".

1.1. A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A SOCIEDADE NA CONSTRUÇÃO ARTÍSTICA

Para que serve a Literatura? Encontrar uma resposta que abarque a magnitude dessa pergunta, resulta demasiado pretensioso. Contudo, o propósito deste trabalho não é ser reducionista na função² que a literatura pode exercer na sociedade, mas sim gerar uma reflexão sobre o que ela propõe no campo social.

Diferentemente dos dias atuais, nas cidades-estado da Grécia Clássica, havia uma certa limitação quanto aos meios informativos que hoje usufruímos. Essa percepção é, de certa forma, anacrônica. As histórias, por exemplo, eram

² Quando falamos em função no campo da literatura, pensamos imediatamente nos seguintes aspectos: (1) em função da literatura como um todo; (2) em função de uma determinada obra; (3) em função do autor, - tudo referido aos receptores. CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Revista IEL. UNICAMP. p.81, 2012. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>. Acessado em 23/04/17

transmitidas oralmente de geração a geração ou por meio da encenação do teatro. Estas, por sua vez, narravam os feitos heróicos, a origem e o significado da natureza, sendo estes a matéria prima que o artista utilizava para a composição de sua obra de arte. Esse didatismo marca a maneira como esta civilização explicava os questionamentos dessa cultura, o que convencionou-se nos mitos.

Desta maneira, o mito assumiria uma função instrutiva, servindo para narrar fatos e fenômenos da natureza, como ressalta Eliade (1978), quando afirma que "o mito lhes ensina as 'histórias' primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente." (ELIADE, 1978, p. 13). Ademais, a autora citada salienta que, "assim como o homem moderno se considera constituído pela História, o homem das sociedades arcaicas se proclama o resultado de um certo número de eventos míticos". (ELIADE, 1978, p. 13)

Destarte, o mito tem o seu espaço social tornando-se "o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas", integrando assim a sacralidade e o comportamento do homem. (ELIADE, 1978, p. 9).

Tomando como pressuposto a pergunta que fizemos no início deste capítulo e posta essa base acerca das manifestações primitivas, devemos lembrar algumas ideias que foram levantadas ao longo da história no que diz respeito ao papel da Literatura. Sendo assim, se faz necessário iniciarmos explicitando a contribuição de dois grandes pensadores que influenciaram o pensamento ocidental quanto à construção artística. Platão, na sua obra *A República*, aborda a poesia³ com um tom excludente, embora, admita o lado moralizante quando afirma:

[...] quanto a poesia, somente se devem receber na cidade hinos aos deuses e encômios aos varões honestos e nada mais. Se, porém, acolheres a Musa aprezível na lírica ou na epopéia, governarão na tua cidade o prazer e a dor, em lugar da lei e do princípio que a comunidade considere, em todas as circunstâncias, o melhor. (PLATÃO, 1987, p. 472)

Nesse sentido, percebemos que Platão assume uma postura contundente quanto aos poetas, pois, para ele, a filosofia deveria exercer a função da poesia,

³"Poesia" no contexto da *República* tem a ver com as composições dos grandes poetas da tradição, e, sobretudo, com a poesia mimética, seja ela épica ou trágica. Trazendo para o contexto atual dos Estudos Literários, no texto do pensador grego "poesia" se refere a todo processo de criação artística. Na verdade, a designação do poeta como *poietés* só aparece no séc. V a.C., retratando assim os altos feitos dos homens e dos deuses. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2003000100005>. Acessado em 10/04/17

posto que, na Grécia Antiga, os poetas exerciam forte influência na polis, sendo responsáveis pela educação dos indivíduos. Aqui podemos observar a importância que os gregos antigos já atribuíam ao texto artístico, especificamente, ao literário como uma das formas para trazer ao leitor a possibilidade de refletir sobre a vida.

Diferentemente das ideias platônicas, o seu discípulo Aristóteles, na obra que tem por título *Poética*, assume um papel importante. Pois nela o pensador grego já inicia a discussão sobre qual seria a função da arte e como ela deve ser elaborada. Pois, assim registra, que os artistas, aqui como uma referência ao processo de criação artística "devem também produzir[por si mesmo], tanto quanto possível, os gestos[das personagens]. Mais persuasivos, com efeito, são [os poetas] que naturalmente movidos de ânimo [igual ao das suas personagens]". (ARISTÓTELES,1993, p. 89). Ademais, registra-se na *Poética*, o conceito aristotélico de catarse⁴, no qual os textos literários deviam gerar nos expectadores uma purificação de sentimentos aliviando as emoções sentidas, isso, por intermédio do "terror e piedade". (ARISTÓTELES,1993, p. 37). Em outras palavras, independentemente se a obra fará rir ou chorar o leitor.

Em linhas gerais, através destas observações, podemos perceber que desde a antiguidade a arte sempre esteve ligada à sociedade, o que com o passar do tempo foi ganhando formas, produções e funções diferentes, mas sempre convergindo para o contexto social e histórico de sua produção. Como expressa Candido (2006):

a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarecer a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). (Candido, 2006, p.33-34)

A partir deste raciocínio, no qual a literatura se nutre da sociedade, ou vice versa, fica evidente que ela exerce certa influência sobre a vida humana na esfera social. É partindo deste alinhavo que o estudioso, anteriormente citado, emprega o

⁴Na sua época, Aristóteles se referia apenas ao "teatro" como forma de criação literária, mas atualmente, estendemos este conceito a todo e qualquer processo de criação artística, ou seja, a catarse está presente na música, no cinema, na poesia, na narrativa, no drama, etc.

termo *humanização*⁵, o qual carrega no seu sentido, semântico e prático, uma cosmovisão altruísta do "mundo" que o cerca. (CANDIDO, 1995, p.182)

Somando ao pensamento de Candido, Todorov (2009) enxerga a literatura com otimismo no que diz respeito a humanizar o indivíduo, pois:

Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p.76)

Respalhada por esta reflexão, podemos inferir que a literatura pode suprir uma necessidade que temos de enxergar o mundo, atribuindo-lhe um sentido baseado em nossa realidade. Ademais, pode desempenhar de certa maneira a função psicológica, pois, assim como Todorov, Candido (1999), ressalta que:

A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. (CANDIDO, 1999, p. 82-83)

Habitada no coração do ser humano, a necessidade de "consumir" ficção parece ser um desejo inerente ao homem, no seu significado mais pleno, como afirma Candido no seu texto, *A literatura e a formação do homem*, quando defende que, "ninguém pode passar um dia sem consumi-la." (CANDIDO, 1999, p; 83)

Retomando a literatura como função humanizadora, Candido (1999), afirma ainda que "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e semelhante". (CANDIDO, 1995, p.182). Concebida esta visão, o leitor como agente receptivo dessa mensagem agrega a si valores, tornando-se mais sensível e, ao mesmo tempo, mais reflexivo a sua realidade.

⁵O termo "humanização" é empregado por Candido (2011) e se refere ao "(...) processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor."

Outrossim, Antonio Candido no seu ensaio, o *Direito à Literatura*, elucida o "papel contraditório mas humanizador" da literatura, remetendo-se à complexidade que envolve sua natureza. Para tanto, Candido (1995) a distingue em três facetas:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1995, p.178-179)

Diante desta tríade evidenciamos aqui uma consideração de seu pensamento, expondo não só os problemas oriundos da função e complexidade que pairam sobre o entendimento do papel da Literatura. Geralmente, nos satisfazemos com a última questão, no entanto, se analisarmos com esmero, todos os itens devem ser levados em consideração, posto que são pontos intercambiáveis para existência e concretude de um texto literário.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA *LAZARILLO DE TORMES*

A Espanha nos séculos XVI e XVII viveu o seu grande apogeu na área política, artística e literária, o que lhe referenciou o título de *Século de Ouro*, que representou uma etapa da evolução histórica na qual:

"(...) confluem o máximo desenvolvimento da monarquia hispânica e o maior esplendor nas atividades artísticas e literárias. Os limites desse período não estão claramente definidos, embora se costume aceitar as datas de 1530 e 1680. Dessa forma, o Século de Ouro se estende na realidade a quase duas centúrias, e afeta as manifestações culturais e artísticas do Renascimento e do Barroco." (CABALLERO, 2000, p. 19) ⁶.

No entanto, no auge destas manifestações, houve uma obra de bastante repercussão tanto para o contexto imediato quanto para os estudos modernos de Literatura, que é a *obra* intitulada de *La vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades*⁷. É nesse sentido que o historiador da literatura, Juan Luis

⁶ CABALLERO, Manuel Murillo *et al.* *POETAS DO SÉCULO DE OURO ESPANHOL: POETAS DEL SIGLO DE ORO ESPAÑOL* / Seleção e tradução de Anderson Braga Horta; Fernando Mendes Vianna e José Jeronymo Rivera; estudo introdutório de Manuel Morillo Caballero. Brasília: Thesaurus; Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España, 2000. Neste sentido, a consulta está disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/espanha/jorge_de_montemayor.html. Acessado em 08/05/2017.

⁷ A obra original recebe o título de: *La vida de Lazarillo de Tormes, y de sus fortunas y adversidades*, no entanto, sua tradução ao português se intitula por: *A vida de Lazarillo de Tormes e de suas*

Alborg (1975), em seu livro *"Historia de la Literatura española"*, exprime a ideia de que *"El Lazarillo nace en pleno siglo XVI español: precisamente en su momento de mayor brillo político."* (ALBORG, 1975, p. 785)

Francisco Rico (1992), um crítico literário, reforça este pensamento salientando que *"no olvidemos que el lector de la época, para quien una narración como el Lazarillo era una novedad sin precedentes, tendería a tomar el libro al pie de la letra y a entenderlo como escrito efectivamente por un Lázaro de Tormes de carne y hueso"* (RICO, 1992, p. 29). Por outro lado, sua relevância, também, se dá por ser um "divisor de águas" na produção literária espanhola do século XVI, visto que, por ter um caráter "realista", expressa em forma de "documento vivo as classes sociais mais desamparadas e sórdidas da Espanha daquela época." (BARBOSA & RODRIGUES, 2000, p.51).

Além deste aspecto, a obra *Tormesina* carece de uma precisão quanto a data de seu surgimento. Não obstante, é do ano de 1554 que preservam-se as três primeiras edições do *Lazarillo*, todas de cidades da Espanha, a saber: uma de Burgos, uma de Amberes e outra de Alcalá de Henares.⁸ No sentido de elucidar esta aparição simultânea, trazemos à discussão o estudioso Mario González (1988), que no seu texto *O Romance Picaresco*, ressalta que tal "fato possa ser explicado pela hipotética existência de uma edição anterior que, em todo caso, não chegou até nós." (GONZÁLEZ, 1988, p.7). Por outro lado, o investigador (RICO, 1992) reitera que, mesmo havendo outras edições, elas abarcam o período entre 1552 e 1554. Ou seja, independente do ano de publicação da obra, os indícios sugerem que ela esteja inserida na metade do século XVI espanhol.

Um fato que nos chama atenção é o suposto anonimato da obra que, portanto, torna-se justificável pelo fato de que partindo desta proposição, "podemos pensar que teria sido voluntário, face às consequências que a publicação do livro poderia ter tido para o seu autor." (GONZÁLEZ, 1988, p.7) Se pensarmos no contexto da época, no qual a *Santa Inquisição* já havia sido instaurada, na Europa, e por ser uma composição de tom jocoso e polêmico acerca de diversos temas que retratam a sociedade da época, o artista da obra então se eximiria de toda e qualquer

fortunas e adversidades. Para tanto, no desenvolvimento do trabalho adotaremos formas reduzidas e/ou adjetivos do título ou protagonista da obra, a exemplo: Lázaro, *Lazarillo de Tormes*, Tormesino(a), cujo objetivo é dar fluidez à escrita da análise.

⁸Burgos, Amberes e Alcalá são cidades da Espanha, nas quais em cada uma delas foi encontrado um exemplar da obra *Lazarillo de Tormes*. Para maiores esclarecimentos acerca desta questão sugerimos a leitura de *Lazarillo de Tormes*, Edición Francisco Rico, Catedra - Letras Hispánicas p.129.

retaliação mantendo-se por "detrás das cortinas". E, como vimos no capítulo anterior, o texto literário pode exercer um poder de influência sobre a sociedade na qual ele se insere, ou seja, no seu público leitor.

Neste fragmento podemos perceber que o autor tinha noção do perigo que lhe cercava, pois chega a afirmar que tinha "*cosas tan señaladas y por ventura nunca oídas ni vistas vengan a noticia de muchos*". Em vista disso, deduzimos o propósito em não querer evidenciar sua aparição, visto que se tratam de coisas "*tan señaladas*".

Entretanto, mesmo havendo "orfandade", não lhe faltou "padrinhos" para "abraçar" a autoria, o que comenta o escritor colombiano Ángel (2012), afirmando o seguinte:

Sobre quién lo escribió hay 13 hipótesis diferentes, desde la más plausible —que lo haya escrito el monje jerónimo Fray Juan de Ortega— hasta la que asegura fue obra de una cofradía de seis pícaros que lo escribió en dos días; y la del deán de Peterborough, Francis Lockier (1669-1740), quien se lo atribuyó a un grupo de obispos españoles en viaje al Concilio de Trento. Quienquiera que lo haya escrito, lo hizo con un tratamiento tal, que convirtió al libro en la piedra angular de un nuevo género, la novela picaresca, y al mismo tiempo constituyó «la mayor revolución literaria desde la Grecia clásica: la novela realista». (ÁNGEL, 2012, p.9)

No entanto, independentemente de quem seja o autor da obra *Tormesina*, vale destacar que se trata de um artista de tamanha habilidade com as "letras", como também, capaz de fazer uma leitura de mundo que não só alcançou a sua época, mas que ultrapassou o tempo, o que lhe permite ser lida até os dias atuais. E isto caracteriza a obra "*Lazarillo de Tormes*", como uma obra atemporal e bem construída, ou seja, independente do contexto sócio-histórico do leitor o efeito alcançado será sempre o de trazer à tona reflexões sobre a trajetória dos personagens envolvidos no enredo, o que se configura como uma associação à "realidade" do receptor da obra.

Em contraste ao anonimato da obra, trazemos aqui os dizeres de Bataillón (1980), quando ele afirma que: "Lázaro é o único personagem do romance que possui um nome, um estado civil, um lugar de nascimento, uma infância e uma juventude." (BATAILLÓN *apud* RICO & ESTRADA, 1980, p. 352 Tradução

nossa)⁹. Os Tratados contidos na obra, que se configuram como a trajetória (a “vida”) do seu personagem principal são de caráter autobiográfico, ou seja, é uma narrativa literária em primeira pessoa, diferentemente das novelas cavaleirescas, as quais eram relatadas por um narrador onisciente.

Como ressalta Rico (*apud* ALBORG, 1975, p. 749), “*el héroe caballeresco había tenido siempre su biógrafo, pero dentro de la ficción novelesca, parece que nadie puede ocuparse, según la mentalidad de su tiempo, de un personaje de escasa importancia social.*” (RICO *apud* ALBORG, 1975, p. 749). Esta característica assume um espaço preponderante nas obras do século XVI e XVII, pois *Guzmán de Alfarache*, *El Buscón*, possuem traços semelhantes a este respeito. Muito embora, tenhamos autores que se valeram dos personagens para criticar e denunciar distintos problemas sociais da época.

Sendo assim, Castro (*apud* González, 1988, p. 10) afirma que “o texto [sobre Lazarillo] não será a expressão do que acontece a alguém, mas do homem existindo no que acontece.” Neste sentido, vale salientar que a autobiografia não deixa de ser um recurso literário, sobretudo nos séculos passados, o qual tem como objetivo dar legitimidade ao que se fala. Vejamos o fragmento de Rico (1992):

Pues siendo yo niño de ocho años achacaron a mi padre ciertas sangrías mal hechas en los costales de los que allí a moler venían, por lo cual fue preso, y confesó y no negó, y padeció persecución por justicia. Espero en Dios que está en la Gloria, pues el Evangelio los llama bienaventurados. (RICO, 1992, p. 14).

Por outro lado, esta característica autobiográfica, “por se tratar de uma obra renascentista, composta numa época em que a confissão agostiniana ou introspectiva era concebível”, pode evidenciar o aspecto de sua natureza, ou seja, o modelo de estrutura adequado, que lhe propulsou a expressar seus ideais. (GUILLÉN *apud* RICO & ESTRADA, 1980, p. 358, tradução nossa).

Neste sentido, podemos depreender que o autor anônimo escreveu a obra sob influência dos escritos agostinianos, pois quando comparamos o relato de Lázaro à obra clássica de Santo Agostinho, intitulada Confissões, podemos observar traços semelhantes, a começar, por exemplo, de como ambos introduzem seus escritos, uma vez que o discurso em primeira pessoa e a construção inicial dos

⁹ “Lázaro es el único personaje de la novelita que tiene un nombre, un estado civil, un lugar de nacimiento, una infancia, una juventud.”

textos é marcada pela infância de ambos. Comparemos os fragmentos das obras a seguir:

"Minha infância morreu há muito, e eu ainda vivo. Mas tu, Senhor, que estás sempre vivo e em quem nada morre - pois és anterior ao começo dos séculos e a tudo o que se possa dizer anterior -, tu és Deus e Senhor de tudo que Criaste. Em ti permanecem estáveis as causas de todas as coisas instáveis, permanecem imutáveis os princípios de todas as coisas mutáveis, permanecem eternas as razões de tudo o que é temporal e irracional."(AGOSTINHO, 1984, p. 21)

Por outro lado, temos a voz do autor anônimo de *Lazarillo*, quando diz:

"(...)Y probósele cuanto digo y aun más, porque a mí con amenazas me preguntaban, y, como niño, respondía y descubría cuanto sabía, con miedo: hasta ciertas herraduras que por mandato de mi madre a un herrero vendí. Al triste de mi padrastro azotaron y pringaron, y a mi madre pusieron pena por justicia, sobre el acostumbrado centenario, que en casa del sobredicho comendador no entrase ni al lastimado Zaide en la suya acogiese."(RICO, 1992, p.20)

Quando analisamos os fragmentos acima, temos de um lado Agostinho reportando-se ao transcendente como seu destinatário e, por outro, *Lazarillo* remetendo-se à "Vossa Mercê".

Não obstante, não podemos ser leitores ingênuos e achar que o autor de *Lazarillo*, apenas, nos contaria fatos de sua história de vida burlesca, como se fossem registros de um diário. É bem provável que, para um leitor "descuidado", esta fosse a percepção primeira. Para tanto, o crítico literário Guillén(1980) nos chama atenção dizendo que este não era o principal objetivo da narrativa, "e sim incorporar estes sucessos a sua própria pessoa."(GUILLÉN *apud* RICO & ESTRADA,1980, p.358- tradução nossa).

Desta forma, podemos conferir nas palavras do personagem Lázaro, quando este afirma que: "*Y pues Vuestra Merced escribe/se le escriba y relate el caso muy por extenso, pareciome no tomalle por el medio, sino del principio, porque se tenga entera noticia de mi persona*". (RICO, 1992, p. 10-11) Sendo assim, Lázaro se projeta como protagonista de sua história. Esta faceta revela, também, a partir do contexto da época, a valorização do ser humano, o qual passa a ser dono do seu próprio destino e passa a ter autonomia sobre o mundo que o cerca. E por que isto ocorre? Muito provavelmente por estar em vigor uma corrente filosófica, que é o humanismo, mesmo período de publicação da obra *Lazarillo*, o que mais uma vez

corroborar o que já havíamos discutido no capítulo 1 do nosso trabalho, que é a influência da sociedade na produção artística. A corrente humanística, por sua vez, se propaga por toda a Europa influenciando os intelectuais espanhóis tanto na lírica, a exemplo de Garcilaso de la Vega, como na prosa através de Juan de Valdés, Fray Luis de León e Santa Teresa de Jesús, entre outros.

Ademais, este movimento intelectual que permeia a vida do homem renascentista, visava "virar a página" do "mundo medieval" e evidenciar a natureza humana, fazendo com que ela dê sentido a sua própria existência, ou seja, a produção artística da época visava reproduzir na arte a complexidade que o próprio ser humano apresenta na sua vida em sociedade, de modo que no mesmo período a ciência passava a exercer um poder maior de explicação para as coisas, ao passo que a religião deixava, aos poucos, de ser o centro das atenções do ser humano naquele contexto social e histórico. Por esse ângulo, o ser humano passaria a conduzir o seu ser através da razão. Outro aspecto importante é que eles acreditavam na instrução do homem e que só através dela era que se podia ter um "mundo" melhor, ou seja, pessoas que usavam suas faculdades intelectuais. Esta mudança de mentalidade no pensar e sentir tem como referência os clássicos gregos e romanos, que passam influenciar tudo o que se produz na época: literatura, arte, teologia e filosofia.

Isso posto, podemos evidenciar que os humanistas têm uma grande importância para este momento histórico, que é preparar o "novo" homem para este período de transição, o qual passa Europa, em especial a Espanha que é o nosso marco de estudo. Partindo deste segmento, trazemos aqui um trecho da obra *tomesina* e as palavras de Antonia Pérez, mãe do personagem *Lazarillo*, quando o entrega ao seu primeiro amo. Tal fragmento nos permite refletir sobre esse rompimento da tradição medieval ao pensamento moderno, pois se despede com as seguintes palavras: "*Hijo, ya sé que no te veré más. Procura ser bueno, y Dios te guíe. Criado te he y con buen amo te he puesto: válete por ti.*" (RICO, 1992, p.22)

Como delineamos acima, o ideal humanista está em evidência tanto na despedida como expressão última, da matriarca de "Tormes", pois é chave para entender o espírito dessa corrente, a qual aconselha a criança com a expressão, "*válete por ti*", visto no fragmento da obra apresentado. Em outras palavras, esta interpretação da obra reverbera o conceito do homem como "medida de si mesmo", na qual é capaz de dirigir a sua própria vida e aprender com suas

próprias experiências. Por outro lado, esse amo prefigura sua saída da caverna¹⁰, pois ensina a *Lazarillo* coisas "*nunca oídas ni vistas*."

2.1. UMA NOVA NOVELA, UM NOVO GÊNERO

É importante destacar aqui que o nosso objetivo neste trabalho não é tratar da questão da "picaresca" (uma vez a crítica literária trava um embate sobre o fato de esta obra pertencer ou não a este gênero), ressaltamos que o nosso foco é tão somente o de realizar a apresentação da narrativa e traçar um perfil do personagem principal da obra espanhola.

Quando analisamos o subtítulo da obra *tormesina* - fortunas e adversidades - muito provavelmente se esconde por detrás deste um "terreno fértil" para um novo gênero que marca a Espanha no século XVI, que é a picaresca. Antes de apresentar a obra *Lazarillo*, chamamos a atenção como veremos, nos próximos tópicos, que a vida do personagem Lázaro é marcada pelos percalços que enfrenta com os seus amos, estes por sua vez corroboram para que sua esperteza e "malandragem" sejam afloradas, fazendo com que ele aprenda a viver, como veremos no início de uns dos tratados, o caso do Cego e ao final com o Arcipestre a recompensa pelos seus esforços. Estes dois movimentos do texto literário analisado aqui - adversidades e fortunas - costuram toda a obra

Embora não seja o nosso foco aqui, consideramos pertinente fazer um breve apanhado sobre o termo picaresca. Para iniciar nossa reflexão, a questão levantada suscita grandes debates quando se trata de defini-la, pois é difícil encontrar um conceito que satisfaça todos os críticos. No entanto, a origem deste termo está ligada ao personagem pícaro, uma vez que, "as novelas picarescas narram os feitos do pícaro". (BARBOSA&RODRIGUES, 2000, p.52). Desta maneira, partimos de uma definição canônica e, em seguida, visitaremos o pensamento de alguns importantes críticos sobre o tema com o objetivo de facilitar a compreensão de tal gênero.

Etimologicamente, a palavra "*pícaro*" é de origem incerta. No entanto, de acordo com o dicionário da RAE¹¹, trata-se de um "personagem de baixa condição,

¹⁰ Nesse sentido fazemos menção ao Mito da Caverna de Platão, livro VII de A República.

¹¹RAE (*Real Academia Española*) Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=StSJNWh> Acessado em 15/02/17

astuto, esperto e de condições precárias [...]"¹²À luz desta consideração, fica clarividente o enredo da vida do personagem Lázaro, pois este perde seu pai ainda criança, fruto de uma família humilde, cujo seu destino é servir a vários amos, tendo como consequência uma alteração na sua postura moral diante da dura vida que levava.

Somado a tal definição, trazemos à discussão o estudioso Mario González(1998)que,em seu livro intitulado "O romance picaresco",afirma que o personagem pícaro "serviria, talvez, inicialmente, para designar os rapazes que ajudavam nas cozinhas. Depois, estendeu-se a todo tipo de desocupado ou subempregado que, sobrevivendo pela sua astúcia, atingia facilmente a delinquência." (GONZÁLEZ, 1988, p. 86). Por conseguinte, através destas definições percebemos as nuances que estão por detrás do caráter do personagem Lázaro que, ao longo da narrativa engana e leva vantagem através de suas atitudes.

Trazendo esta discussão à nossa realidade, estes traços podem nos remeter a uma sociedade, na qual pessoas possuem características semelhantes ao que apontamos acima, cujo objetivo é obter vantagens em detrimento do outro. Desta feita,podemos inferir que a caracterização do protagonista compõe esta linha de raciocínio, assim como o personagem Lázaro da obra espanhola,mencionamos também outro personagem literário, e este da nossa literatura, que é João Grilo, um personagem da obra do dramaturgo Ariano Suassuna, em o "Auto da Compadecida",retratado como um personagem que representa um homem persuasivo e astuto , o qual faz uso de várias artimanhas para "saciar sua fome".

Fazendo um contraponto às concepções que rondam o personagem pícaro - como observamos acima - Ariano Suassuna em um de suas palestras corrobora a tese deque o personagem pícaro, uma vez caracterizado com elementos que o levam à esperteza e astúcia, do malandro renascentista, devem ser vistos como pontos positivos e não depreciativos, pois nas suas palavras declara que"a astúcia é a coragem do pobre."¹³ Assim, subentende-se que o pícaro luta apenas pela sua sobrevivência, necessidade vital de todo e qualquer ser humano, não constituindo assim como um personagem (ou um ser humano) antiético e de má índole, pois esta

¹² "*Personaje de baja condición, astuto, ingenioso y de mal vivir (...)*". (RAE).

¹³ NOVELA PICARESCA. Ariano Suassuna. Local não especificado. Alfredo Pessoa.2016. 2min.28. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cqrjT6_UjW8 Acesso em: 15 maio de 2017

sua característica apenas o faz praticar o instinto de sobrevivência em um mundo cada vez mais injusto e animalesco.

Para que entendamos a picaresca, precisamos saber que ela expressa um tom real, sem maquiagem, do que é a vida, o que mais uma vez enquadra a obra de *Lazarillo* como um texto que exerce uma função social, considerando os pressupostos de Antonio Candido (1995; 2011). Quando olhamos para o Renascimento na Espanha, época de grandes avanços e produções, costumamos esquecer das dificuldades que as camadas mais pobres enfrentavam. Desta maneira, a figura do pícaro ganha espaço, expressando-se como forma de resistência e alerta para os "poderosos da época", uma vez que o personagem Lázaro não surge apenas para "entreter" os seus leitores, mas como uma espécie de "câmera oculta", da sociedade, capaz de enxergar os mais diversos problemas vigentes de sua época, transmitindo-lhes uma mensagem de denúncia. Este fato provável pode ser justificado pela censura que houve acerca de tal escrito, pois entrou na lista dos livros que eram proibidos pela igreja.

Por outro lado, no âmbito literário o gênero que predominava era o cavalheiresco, de caráter idealista, ou seja, novelas de conteúdos "fantasiosos". Estas, por sua vez, eram rechaçadas pelos moralistas por se distanciarem da realidade. Nesta perspectiva, o gênero picaresco surge como resposta às novelas idealistas, a exemplo do personagem Lázaro, o qual descreve a si mesmo como também os seus amos, e os ambientes pelos quais caminham. No entanto, mesmo havendo esta contraposição ao idealismo, há novelas realistas que se apropriam de tal característica, não no sentido de apoiá-lo, mas como recurso literário para exprimir seu propósito.

Desta feita, poderíamos destacar outra obra da literatura espanhol, obra magna, como assim é conhecida, que é "Dom Quixote", na qual os personagens, Quixote e Sancho Pança, representam com maestria estes conceitos.

De acordo, com o estudioso Queiroz(2003), no seu artigo intitulado "*Do Lazarillo de Tormes a Macunaíma*", podemos perceber uma série de elementos que ele elenca como característica do gênero picaresco, que são:

- a autobiografia, em que o protagonista narra a sua própria vida, o que lhe possibilita discorrer sobre sua visão pessoal do mundo, amarga e crítica;
- é filho de "pais sem honra", o que declara cinicamente;

- vê-se obrigado a abandonar seu lar, devido à pobreza;
- em boa parte de sua vida, serve a diversos amos;
- é induzido ao furto pela fome e, às vezes, pelo vício;
- usa de artimanhas engenhosas para roubar;
- aspira a ascender socialmente, mas não consegue sair de seu estado miserável;
- sorte e desgraça se alternam em sua vida;
- costuma contrair casamento sem honra;

Em vista disso, a partir das próximas informações, veremos como estas particularidades, acima descritas, se materializam através da obra *tormesina* fazendo com que ela se difira da conjuntura literária da época, trazendo inovações ao campo literário.

3. APRESENTAÇÃO DA OBRA TORMESINA

Como já vimos anteriormente, a obra *Lazarillo de Tormes* escrita e publicada provavelmente no ano de 1554, cuja autoria é desconhecida, narra em 1ª pessoa as aventuras do personagem *Lázaro*, o protagonista da história. Embora tenha esse caráter "autoral", a narrativa parece ser contada desde duas perspectivas: infantil e adulta. Infantil, porque quando começa a descrever sua história o personagem transmite ao leitor a percepção de uma criança que, devido a determinadas circunstâncias da vida, logo, se torna madura. Por outro lado, enxergamos um "adulto que se torna criança", o qual relembra as experiências mais sórdidas desde a sua tenra idade.

Nas páginas iniciais, através do Prólogo, o jovem Tormesino nos permite conhecer a quem vai endereçado seus Tratados (ou seja, a sua autobiografia), embora não tenha o nome revelado, mas é chamado de "Vossa Mercê". Todavia, ainda na parte elucidativa, *Lázaro*, prepara o seu leitor para "as coisas nunca ouvidas nem vistas", as quais tem em mente, e que deseja compartilhar com o seu destinatário, uma vez que o personagem-protagonista é interrogado sobre seu suposto êxito não relatado. Desta maneira, ele relatará o "caso" que fez com que ele conseguisse alcançar êxitos na sua "vida" ao longo da narrativa apresentada.

É interessante ressaltar que a obra é dividida em oito partes, a primeira é chamada pelo narrador, de Prólogo. Em seguida, temos uma sequência de sete tratados, nos quais o personagem-narrador Lázaro narra suas experiências com nove anos. Ao longo dessa autobiografia, observaremos a evolução do personagem-protagonista que tenta de todas as formas, diante de um sistema hostil, egoísta, dissimulado, lutar pela sua sobrevivência.

Lázaro é oriundo de uma família pobre, seu pai, *Tomé González*, trabalhava num moinho a cerca de quinze anos dentro do rio Tormes. Durante essa época, sua mãe, *Antonia Pérez*, engravidou e, assim, gerou Lázaro. Por esta razão, é chamado de Lázaro de Tormes. O jovem Tormesino não teve uma vida fácil, pois com a idade de oito anos teve de lidar com a perda de seu pai, o qual morre numa guerra contra os mouros. Aqui mais uma vez é possível associar a construção da obra ao contexto sócio-histórico da Espanha a partir dos relatos e dos diálogos que o seu personagem apresenta ao leitor.

No tocante a sua mãe, agora viúva, decide levar a vida na cidade, juntamente com Lázaro. Sendo assim, ao chegar em Salamanca, alugou uma casa modesta e começou a prestar serviço de cozinheira para certos estudantes e lavar roupa dos adestradores de cavalo. De modo que, passando a frequentar as festas de cavalaria conheceu *Zaide*, um cuidador de animais, que logo passou a ser assíduo na sua casa.

De início, o jovem Lázaro ficou temeroso com as visitas reiteradas que este homem fazia a sua mãe, no entanto, esse receio foi encurtado a partir do momento em que Lázaro percebeu que poderia tirar proveito deste relacionamento, posto que com a presença deste "hóspede", a comida era garantida. Aqui também é possível observar a construção por parte do autor da obra *Lazarillo* de uma sociedade patriarcalista, pois a personagem feminina tem o seu papel definido dentro do contexto retratado (ela era a responsável pelos serviços domésticos), além disso, a figura do personagem masculino (na obra representados antes pelo pai de Lázaro e agora pelo suposto "hóspede" da mãe do personagem) se configura como o provedor do lar doméstico, aquele que é responsável por colocar a comida na mesa dos filhos e da esposa.

Ademais, fruto desta relação amorosa, que sugere uma união ilegítima (embora fosse a mãe do personagem viúva), *Lazarillo*, recebe não só um irmão, como também passa a ter um padrasto. Não obstante, o que a família Tormesina

não esperava era que o alimento trazido por *Zaide* fosse de origem ilegal, ou seja, era resultado de furto. Como resultado deste infortúnio, tanto *Antonia Pérez* como seu "esposo", receberam sua sentença, o que ocasionou a separação do casal e receberam duras punições.

Como tratamos anteriormente, a situação familiar de Lázaro não era nada confortável e, desprovidos de cuidado, foram buscar auxílio na estalagem de *Solana*, na qual devido a precariedade em que ali viviam, conheceu um hóspede, que é outro personagem da narrativa, um homem cego que, prontamente se voluntariou em suprir as necessidades básicas de Tormes. No entanto, no desvelar da história, a fome e as penúrias continuavam assolando à porta do jovem que havia deixado sua família em busca de uma vida melhor. Este "tutor", logo, faz do infante Lázaro os seus olhos. Com este amo, *Lazarillo* se caracteriza por ser um rapaz "ingênuo" acerca da vida. Destarte, pouco a pouco, e ao longo da narrativa, o personagem vai aprendendo que a astúcia deveria ser sua "amiga", caso quisesse transpor os desafios colocados por seu "cuidador" cego.

Diante desta realidade, Lázaro decide desvincular-se deste amo. Se, por um lado ele é enganado com a promessa de uma vida melhor, o jovem parece ter aprendido a lição, pois usa suas habilidades para ludibriar seu amo em busca de uma vida melhor.

Passada esta dura etapa, Lázaro é admitido por um clérigo. Com este novo amo, sua vida parece não mudar muito, uma vez que este religioso permitia-lhe passar duras privações de comida. Não obstante, o garoto de Tormes se vale da esperteza adquirida com o seu primeiro amo para sobreviver as essas necessidades. Com este caso, Lázaro delineia as incoerências desta classe, que é representada por este protótipo, o qual levava a "Palavra de Deus", mas só pensava nos seus interesses. O egoísmo, avareza, hipocrisia são temas retratados através deste personagem, o que mais uma vez identificamos a influência da sociedade na composição de obras artísticas e a importância do artista em trazer para as suas obras reflexões através de temáticas retratadas sob o enfoque da crítica aos valores sociais, o que simboliza então a função social do texto literário.

Rumo a sua peregrinação por dias melhores, o cenário agora se dá nas terras de Toledo. Desta feita, o menino que começa desprovido de malícia com seu primeiro amo, pouco a pouco, vai se revelando cada vez mais perspicaz, como alguém que absorve o que a vida lhe ensina, tornando-se hábil no "palco" da mesma.

Assim, caminhando pelas ruas toledenses e questionando-se acerca de quem seria seu próximo "mestre", logo, se depara com um escudeiro que vivia de performance, ou seja, sua preocupação estava em resguardar sua aparência, gabando-se de suas vestimentas "valiosas" e de sua espada.

Ademais, Lázaro o descreve como um ser tão pobre quanto ele, posto que padeciam da mesma necessidade, que era a fome. No entanto, mesmo com esses percalços e desventuras, que agrega o jovem tormesino, ele ainda é visto pelas vizinhas do escudeiro como alguém inocente e que carecia de ajuda, pois é abandonado por seu amo, o qual desaparece deixando-lhe numa situação conflituosa com os credores da casa.

Para tanto, outro fato que marca as andanças do garoto de Tormes, é o seu encontro com o frade, um personagem que representa um homem supostamente religioso, (esta passagem da obra se dá no tratado mais curto da obra). No seu relato, percebemos uma experiência não tão agradável para o personagem principal Lazarillo, o que lhe impulsiona a buscar outro amo, embora ele não deixe claro o que tal "tutor" lhe proporcionou para que assim o deixasse.

Mais adiante, com o intuito de explicar a *Vuestra Merced* o "caso", Lázaro nos relata sua vivência com um buleiro, o qual usa suas artimanhas para extorquir as pessoas através das bulas, "milagres" e charlatanices. Este, por sua vez, é descrito como ganancioso, egoísta e oportunista.

O novo amo com quem Lázaro passa pouco tempo é o Pintor de Pandeiros, o qual Lázaro chega a dizer, em uma das passagens da obra sobre este "tutor", que havia sofrido muito em sua companhia. Em seguida, surge um Capelão, do qual recebe uma oportunidade de trabalho, passando a ter uma "condição melhor de vida", posto que o personagem consegue ao longo de quatro anos economizar e se vestir de maneira aparentemente adequada. Contudo, o seu ideal por dias melhores segue aceso, em busca de uma oportunidade melhor que, segundo ele, apareceria de ofício real.

Após caminhar com todos estes "professores", Lázaro se defronta com um Aguazil que, assim como o Pintor de Pandeiros, passa pouco tempo com o personagem, pois o serviço que seu amo lhe oferece é visto pelo jovem tormesino como um ofício muito perigoso.

Finalmente, com o Arcipestre, seu último amo, fato este que se desenrola no último tratado da obra, Lázaro alcança sua estabilidade material e sentimental, ou seja, um emprego e uma esposa.

3.1. ANÁLISE DA OBRA: VALORES SOCIAS (RELIGIOSOS E MORAIS) RETRATADOS

Geralmente, as novelas picarescas são chamadas de exemplares e isso se dá pelo fato de suscitarem uma série de ensinamentos didáticos e morais, o que culmina na transmissão de valores de uma sociedade. Debruçando-nos mais sobre esta questão, há duas passagens que nos "saltam os olhos", as quais despertam o personagem *Lazarillo* do seu *sono dogmático*¹⁴ e, por consequência, o acordam de sua inocência, vejamos o fragmento da obra *tormesina* em que o seu personagem principal toma consciência, através do diálogo que mantém com o seu primeiro amo, da dura realidade que é o mundo que o cerca. Eis o trecho da obra:

Y así me fui para mi amo, que esperándome estaba. Salimos de Salamanca, y, llegando a la puente, está a la entrada de ella un animal de piedra, que casi tiene forma de toro, y el ciego mandome que llegase cerca del animal y, allí puesto, me dijo: —Lázaro, llega el oído a este toro y oírás gran ruido dentro de él. Yo simplemente llegué, creyendo ser así. Y como sintió que tenía la cabeza par de la piedra, afirmó recio la mano y diome una gran calabazada en el diablo del toro, que más de tres días me duró el dolor de la cornada, y díjome: —Necio, aprende, que el mozo del ciego un punto ha de saber más que el diablo. —Y rio mucho la burla. Parecióme que en aquel instante desperté de la simpleza en que, como niño, dormido estaba. Dije entre mí: «Verdad dice éste, que me cumple avivar el ojo y avisar, pues solo soy, y pensar cómo me sepa valer». (RICO, 1992, p.22-23),

Este excerto é um dos episódios mais emblemáticos da obra, posto que nele evidenciamos alguns aspectos predominantes da nossa vivência em sociedade independente do contexto social e histórico no qual estamos inseridos, e que é retratado na obra de *Lazarillo*, tais como: resiliência, responsabilidade, maturidade e aprendizagem. Lázaro aprende na práxis (ou seja, no seu convívio com outros personagens da narrativa) o que é a vida. Porém, como ressalta o romancista brasileiro Guimarães Rosa no seu livro *Grande Sertão: Veredas*, "viver é muito

¹⁴ Expressão cunhada pelo filósofo Immanuel Kant. Embora seja um anacronismo analisá-lo sobre este conceito, mas o que queremos destacar é o princípio em que se baseia o uso da razão para o ser humano se adaptar às adversidades pelas quais ele passa.

perigoso". Sendo assim, matricular-se na escola da vida não é uma opção, mas uma obrigatoriedade, a grande questão é como lidamos com as circunstâncias e desafios que nos são postos, e isto é um exercício individual e coletivo, no qual a aprendizagem se dá por meio de uma via de mão dupla.

A essa conclusão chega o personagem Lázaro ao final da narrativa, através das seguintes palavras: "*y fue así, que, después de Dios, éste me dio la vida y, siendo ciego, me alumbró y adestró en la carrera de vivir.*"(RICO, 1992, p.24) Assim, a responsabilidade "bate à sua porta" e, conseqüentemente, o desperta desde a sua tenra idade para as exigências da vida, que agora passa a estar a cargo de um tutor. Contudo, seu sentimento é de gratidão por que aprende através da/com a vida, ou seja, com os outros semelhantes e com a própria experiência a viver.

Deste modo, comparemos os passos iniciais de *Lazarillo* com o desfecho dessa caminhada com o "mestre" cego, pois parece que o jovem Tormesino aprendeu o que seu amo queria lhe transmitir quando disse que "*el mozo del ciego un punto ha de saber más que el diablo*", pois Lázaro lhe paga na mesma moeda quando engana o cego na travessia do riacho. Observemos esta passagem:

Saltá todo lo que podáis, porque deis de este cabo del agua. Aun apenas lo había acabado de decir, cuando se abalanza el pobre ciego como cabrón y de toda su fuerza arremete, tomando un paso atrás de la corrida para hacer mayor salto, y da con la cabeza en el poste, que sonó tan recio como si diera con una gran calabaza, y cayó luego para atrás medio muerto y hendida la cabeza.(RICO, 1992, p.45)

Por outro lado, o cego também percebe que o seu *destrón*¹⁵está perdendo a inocência, pois denota nas suas palavras o seguinte questionamento: "*¿Pensaréis que este mi mozo es algún inocente? Pues oíd si el demonio ensayara otra tal hazaña.*" Assim, percebemos no desvelar da narrativa que fica evidente o "novo mundo" que se descortina diante do protagonista Lázaro.

A partir do que enxergamos nestas linhas e olhamos para o contexto da época, passa a ter sentido a mensagem que o autor anônimo quer nos transmitir diante de um cenário caótico pelo qual enfrenta a sociedade do século XVI, em especial, os pobres e os moriscos. Desta forma, observamos aqui a retratação na

¹⁵serviría para *adestrarlle*, "guiar a alguno, llevándole a la diestra...", Y *destrón* llamamos al mozo de ciego, *nota de roda pé*.(RICO, 1992, p.21)

literatura de problemas que a sociedade da época enfrentava, que se referia à questão religiosa e à fome, resultantes da expansão dos territórios e do convívio com ideologias diferentes, conflitos estes que fazem emergir uma forte crise.

Consideremos as palavras do historiador crítico Alborg(1975), quando fala sobre a realidade do contexto em que a obra *tormesina* foi publicada:

la decadencia de la economía, pronto iniciada, y la pobreza de los campos empujaban hacia las ciudades a masas de gentes, dispuestas a buscar acomodo al servicio de cualquier señor o vivir como si pudiera; de donde se arrancaba una creciente tendencia.(Alborg,1975,p.752)

Com este ambiente em cena, palco de grandes conflitos religiosos e políticos, podemos imaginar o porquê do narrador-protagonista fazer tanta questão em pontuar suas dificuldades e "armadilhas" em razão do "saciar a sua fome", tema este que alinhava seus três primeiros tratados. Em outras palavras, tal fato se configura como a retratação da luta pela sobrevivência.

Acompanhando os passos do nosso aprendiz, Lázaro, agora nos deparamos com o seu segundo amo, um Clérigo. Partindo deste caso, é possível perceber como a Literatura, em diferentes épocas, se caracteriza por representar os valores sociais e culturais através dos personagens esteriotipados, em especial, na obra *Lazarillo* podemos observar isto. Desta maneira, podemos conceber a ideia de que o jovem de Tormes retrata a metáfora do bom cristão, aquele que é "tentado/seduzido" pelos maus exemplos que tem por parte do seu amo, personagem este que, embora ligado aos valores religiosos, suas atitudes demonstram incoerência entre sua ortodoxia e ortopraxia.

Trazendo este exemplo para o nosso contexto, o personagem-narrador nos coloca diante de um protótipo que nos ensina a viver em um mundo hostil, regado pela corrupção e valores corrompidos. Embora, numa primeira leitura possa nos parecer divertido, o que está em evidência é um código de ética completamente violado por muitos daqueles personagens retratados na obra *tormesina*.

Como já tratamos nos capítulos anteriores, o personagem Lázaro prefigura a imagem do homem moderno, aquele que entra através da Literatura de cunho exemplar, ou seja, ele está relacionado a um aspecto dialógico, não no sentido backtiniano, mas no conversacional.

Quando nos detemos à estrutura da obra, *Lazarillo de Tormes*, nos damos conta de que se trata de um diálogo, o qual este tem por suporte cartas a um leitor

anônimo, mais conhecido como *Vuestra Mercê*. Assim, como toda mensagem pressupõe um autor e leitor, a comunicação entre ambos se torna um artifício de convencimento.

Um exemplo prático acerca desta proposição, extrapolando os limites da arte, são as propagandas, que tem o propósito de convencer e, para isto, elas estabelecem certo diálogo visual-verbal acerca do produto, no qual às vezes é transmitido por uma série de códigos que nem todos receptores captam, podendo gerar ou não o consumo de tal produto. Este aspecto abre a porta para outra questão, que é a do público leitor desta obra.

Se partirmos do pressuposto de que a literatura está a serviço da sociedade, mas que, porém, nem todos possuem a predisposição para abstração ou assimilação do conteúdo, logo, entenderemos a forma pedagógica que o autor anônimo quis transmitir a mensagem. No século XVI, vamos observar-o seguinte quadro social: os humanistas - homens versados nas letras e conhecimento profundo nos clássicos; - os burgueses - homens caracterizados pelo comércio; - o clero - homens considerados "religiosos"; e a plebe; que era a grande massa de pessoas "leigas".

Isto posto, voltamos a ideia da Literatura de caráter exemplar, a qual retrata valores sociais de um determinado contexto. Sendo assim, Lázaro nos coloca diante de uma realidade, na qual temos a responsabilidade de traduzi-la. Para tanto, ele usa a retórica persuasiva por meio dos episódios para criticar e nos ensinar de maneira indireta. Muito provavelmente, numa análise rápida, a obra tormesina sugere abrir os nossos olhos para uma sociedade "perdida", a qual se diz cristã, mas na verdade é totalmente egoísta, gananciosa, individualista, vaidosa, soberba e que vive de aparências. É o que podemos chamar aqui de discurso em dissonância com a prática de suas ações, que se revela através dos diálogos com outros personagens.

Vale ressaltar que, assim como Lázaro, tempos depois, Miguel de Cervantes estabelecerá o mesmo princípio na obra, *Dom Quixote*, a qual é construída por meio de diálogos entre os personagens Sancho Pança e o Fidalgo Quixote. Ambos contrastam duas visões de mundo opostas: Sancho, um realista; e Quixote, um idealista. Esta dessemelhança é um perfeito exemplo de como é o "ser humano", idealista e realista, cheio de conflitos.

Partindo desta proposição, consideramos que o personagem Lázaro - idealista e realista - representa, assim, todos nós, quando se despede de um amo e vai a procura de outro, a fim de obter certa garantia para sua sobrevivência, o que, ao final, de sua trajetória na narrativa nos informa que consegue, pois se casa e garante um emprego, o que simboliza a concretização de seus anseios, alcançados através de seu processo de amadurecimento desenvolvidos dentro da narrativa tormesina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre a trajetória de vida do personagem Lázaro, buscamos estabelecer um diálogo a partir da nossa realidade e o mundo do século XVI. Como vimos no trabalho, o jovem de Tormes nos coloca diante de uma série de fatos que, por si, expressam uma verdade - a sociedade vive em crise. Não muito diferente do Século de Ouro, ainda hoje enfrentamos os mesmos problemas que o autor anônimo retrata na obra *Lazarillo de Tormes*.

Como a sociedade é um reflexo de sua época, Lázaro nos apresenta através de sua experiência com seus amos várias fotografias do seu tempo: a ganância, a inveja, a avareza, a promiscuidade, o individualismo, a hipocrisia, a honra, a vida de aparência. Estes sintomas revelam o "estado clínico" da sociedade moderna, além de corroborar com o objetivo no TCC, que foi buscar ver a influência da literatura na sociedade e vice versa.

Partindo desta premissa, iniciamos o primeiro capítulo fazendo um breve apanhado, acerca da relação, que há entre a Literatura e a Sociedade, uma vez que os valores preconizados na esfera social, passam a ser a matéria-prima para o artista, o qual se expressa por meio música, poesia, conto, romance ou qualquer outro tipo de arte.

Em seguida, a partir do segundo capítulo, imergimos na obra fazendo um breve resumo da mesma, afim de abordar o romance desde o seu aspecto macro, ou seja, permitindo-nos ter uma visão geral dos fatos da narrativa tormesina. Desta forma, evidenciamos a vida de Lázaro desde a sua infância sofrida até o caso de sua suposta "honra", a qual é retratada por meio do seu casamento e efetivação no oficial real.

Por fim, através da análise, tentamos estabelecer um diálogo entre passado e presente, ou seja, de como a "voz" da obra tormesina ecoa nos nossos dias. Sendo assim, Lázaro nos coloca diante do poder corrompido, o qual é representado pelos amos que, de certa maneira, guardavam uma relação com a igreja, o qual faz todo sentido para sua realidade, uma vez que o século XVI é um período de transição entre o pensamento medieval e renascentista, e que por intermédio deles Lázaro aprende a arte do engano e se corrompe.

Por outro lado, embora tenhamos, ainda hoje, um discurso manipulador por parte de alguns religiosos, há um fato muito mais preocupante no cenário brasileiro

que é a crise moral dos políticos que nos representam. Desta maneira, percebemos como a história cíclica, pois os tempos mudam, as personagens se ressignificam, mas os problemas seguem sendo "os mesmos".

Analisar esta obra, para mim, foi um desafio e um privilégio. Desafio pela tamanha complexidade que abarca a obra, da qual tive que delimitar os temas a serem abordados e um privilégio pela abertura de mente que me trouxe, como dizia o cientista Albert Einstein: "A mente que se abre a uma nova ideia, jamais voltará ao seu tamanho original".

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 24ª reimpre. 2013.
- ALBORG, Juan Luis. *Historia de la Literatura Española*. Tomo I. 2ª Reimpre. Madrid: Ed. Gredos., 1975.
- ÁNGEL, Antonio García. *Lazarillo de Tormes*. Bogotá: 2012. Disponível em: http://www.banrepcultural.org/sites/default/files/85._lazarillo_de_tormes.pdf. Acessado em 07/03/2017
- ARISTÓTELES, *A Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo, 1993.
- BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. *A trama poética de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____, Antonio. Remate de Males. Revista do Departamento de Teoria Literária. Unicamp-Campinas, 1999. Disponível em: [file:///C:/Users/Emmanuel/Downloads/3560-11498-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Emmanuel/Downloads/3560-11498-1-PB%20(4).pdf). Acessado em 23/04/17.
- _____, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Brasil, 2006.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONZÁLEZ, Mario. *O Romance Picaresco*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- MOISES, Massaud. *A Análise Literária*. 17.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- PLATÃO. *A República*. 5. ed. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- QUEIROZ, A. O.. Do Lazarillo de Tormes a Macunaíma (notas sobre a picardia e a malandragem). Cadernos de Literatura e Diversidade, UEFS/Feira de Santana, v. 2, p.30-31, 2003. Disponível em: http://www2.uefs.br/ppgldc/publicacoes/cad.lit.div.n2_27-34.pdf. Acessado em: 22/05/2017.
- RICO, Francisco. *Lazarillo de Tormes*. Madrid: Ediciones CÁTEDRA, 1992.
- _____, Francisco; ESTRADA, Francisco López. *Historia y Crítica de la Literatura Española*. Barcelona: Editorial Crítica, 1980.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª Edição, Coimbra, Almedina, 2007

SILVA, Roger. Dicionário HOUAISS: Literatura, 2009. Disponível em : <https://rogsil.wordpress.com/2009/06/05/dicionario-houaiss-literatura/> Acessado em 21/04/2017.

TODOROV, Tzvetan. A Literatura em Perigo. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.